

A contra colonização no Ensino Médio: experimentando a oralidade entre jovens em Campos dos Goytacazes¹

Douglas COSTA DE SOUSA (UFF-RJ)²

Geovana TABACHI SILVA (UFF-RJ)³

RESUMO: Este trabalho é fruto do Programa Licenciaturas (PROLICEN) da Universidade Federal Fluminense, intitulado “Ensino de Sociologia e povos originários: Uma análise intercultural e inclusiva em Campos dos Goytacazes”, e mostrará a experiência da pesquisa em salas de aula do Ensino Médio da rede pública, ao mesmo tempo que se cumpria 100 horas de carga horária de estágio curricular obrigatório como parte da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa II, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A partir de análises bibliográficas sobre as relações nos primeiros contatos entre colonizadores e povos originários na região Norte Fluminense – território da Nação Goitacá⁴ –, foi possível melhor preparação para a aplicação do conteúdo em aulas expositivo-dialógicas e oralizadas em turmas do 1º e do 3º anos da disciplina Sociologia. E assim, organizadas em dois blocos: colonização e contra colonização, busquei debater os desdobramentos das formas de vida que emergiram do modelo colonial e as resistências guardadas e praticadas por comunidades indígenas e quilombolas no Século XXI. Além disso, procurei dialogar em que sentido essas práticas contra coloniais se fazem presentes em nosso cotidiano, o que resultou em descobertas e diversos relatos afetivos e familiares. O trabalho resultou na produção de cadernos artesanais e mapas mentais sobre os principais temas abordados nas aulas, em que o estereótipo do indígena teve destaque nos desenhos, o que deixa inspiração para criar material didático para futuras aplicações.

Palavras-chave: Estágio docente; Norte Fluminense; Contra colonização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se iniciou em abril/25, quando fui selecionado como bolsista de iniciação à docência pelo Programa Licenciaturas (PROLICEN) da Universidade Federal Fluminense, no projeto intitulado “Ensino de Sociologia e Povos Originários: uma análise intercultural e inclusiva em Campos dos Goytacazes”. Além dessa experiência acadêmica, fui motivado pela necessidade pessoal de buscar uma compreensão mais aprofundada sobre o povo indígena e o território Goitacá, na condição de sujeito em processo de retomada identitária em Campos dos Goytacazes – cidade que, no período colonial, foi a antiga Vila de São Salvador, anteriormente uma freguesia. Trata-se também do lugar onde nasci e onde permaneço vivendo.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Outra versão deste trabalho foi apresentada na Mostra de Iniciação à Docência/MID-UFF, em outubro de 2025.

² Licenciando em Ciências Sociais, UFF-Campos dos Goytacazes. Engenheiro Ambiental e Sanitarista – UNESA (2015);

³ Professora do Departamento de Ciências Sociais na UFF-Campos dos Goytacazes;

⁴ Ver Lamego, 1945.

Foi em 2022 que, impulsionado por uma experiência espiritual, passei a reconhecer meu pertencimento a um povo indígena profundamente transformado pelos séculos de violência colonial e pelas relações estabelecidas entre portugueses e os povos originários da região, como os Goitacás, Coroados, Guarulhos, Puris, Saruçu, Guanhans, Botocudos, entre outras etnias não registradas pelos viajantes europeus que percorreram este território. Esse processo marcado pela busca de compreender minha ancestralidade, orientou tanto minha trajetória pessoal quanto meu interesse acadêmico pela história e pela presença indígena em Campos dos Goytacazes para além das narrativas coloniais.

Iniciei com o levantamento bibliográfico sobre a temática dos primeiros contatos entre os portugueses e os povos originários na região Norte Fluminense, considerando o território descrito nos *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis*⁵. Também me interessou saber da história contada pela Igreja São Francisco de Assis sobre estes primeiros contatos e as tentativas de ocupação do território Goitacá n'*A história pouco conhecida da freguesia de São Salvador dos Campos dos Goytacazes* (ALMEIDA, 2023). Ambas escrituras reconhecem a não-extinção dos grupos originários da região e acolhem o questionamento, *o que aconteceu com o Povo?* Buscando a resposta, em *O Homem e o Brejo* (LAMEGO, 1945), o autor traça o desenvolvimento do modo de vida do indígena, tornado vaqueiro, depois lavrador, como resultado da perda da identidade originária nestes Campos.

Munido deste entendimento, iniciei a pesquisa numa escola do Ensino Médio da rede pública de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, em turmas do 1º e 3º anos. A atividade ocorreu no âmbito do cumprimento da carga horária de 100 horas do estágio docente obrigatório, sendo o estágio parte do conteúdo da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa II, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Em sala de aula experimentei o método expositivo-dialógico e oralizado. Em outras palavras, levei para a sala de aula, além da metodologia convencional, uma prática educativa ancestral a partir do exercício da oralidade como contra colonização (BISPO, 2019).

Tendo em vista estimular a imaginação sociológica, atuei no sentido de provocar as classes a pensarem nos processos coloniais e as relações entre portugueses e indígenas nesta região. Nas aulas expositivo-dialógicas, orientadas pela busca do diálogo com os saberes do senso comum presentes entre os educandos, os conteúdos foram organizados em dois blocos temáticos: colonização e contra colonização.

⁵ Ver Ribeiro, Freitas e Santos, 2011.

Como resultado dessas aulas, os estudantes produziram cadernos artesanais e mapas mentais que sintetizavam os conteúdos trabalhados. Essas produções possibilitaram o contato com os diferentes talentos presentes na turma. Ao mobilizar o "jogo do envolvimento", a classe respondeu com sonhos, desenhos, opiniões sobre as aulas, reflexões sobre seus próprios envolvimento no cotidiano, escritas acerca de Antônio “Nêgo” Bispo dos Santos e, também, manifestações de desinteresse. Tais devolutivas evidenciaram a diversidade de experiências, percepções e formas de participação dos educandos no processo formativo.

Sobre o “jogo do envolvimento”, trata-se do que Nêgo Bispo chama de *guerras das denominações* (2019), onde o autor classifica a ideia colonial responsável pelo afastamento das gentes com seus territórios e suas comunidades a partir das nomeações dos colonizadores. Apresentando o envolvimento da biointeração, Bispo provoca o sentimento de pertencimento entre sujeito e cultura dos lugares, neste sentido, o jogo se aplica como arma nesta guerra, buscando os envolvimento dos jovens com a vida cotidiana.

Como questionamento central, busquei compreender em que sentido metodologias situadas nas experiências expositivo-dialógicas e oralizadas podem proporcionar a valorização de outras cosmovisões, promovendo uma educação que questione o eurocentrismo e valorize a pluralidade que constitui o Brasil?

Estruturei este texto em discussões e inconclusões, sendo as discussões distribuídas nos dois blocos citados anteriormente – colonização e contra colonização. Sobre a contra colonização – e não contracolônização –, não há um consenso diante desta escrita, podendo encontrar na literatura as duas formas. Deste modo, utilizo a contra colonização escrito separado tal qual podemos visualizar no livro referenciado.

DISCUSSÕES

Colonização

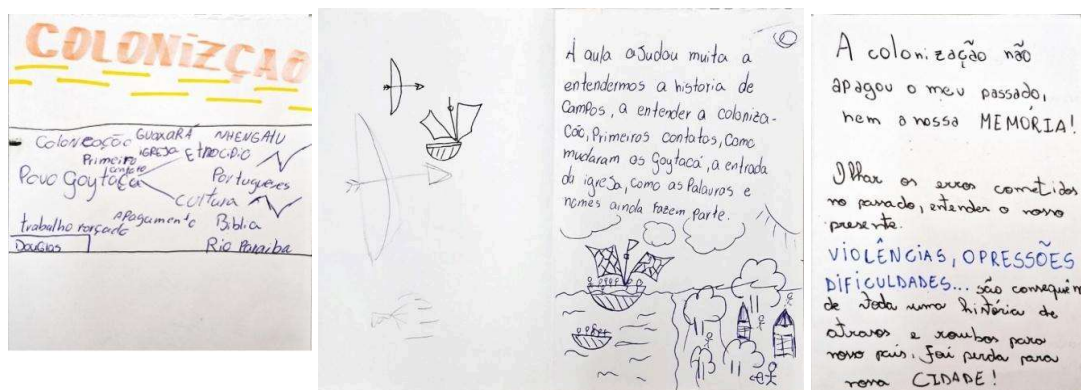
No primeiro bloco conversamos sobre as histórias contadas pela Igreja, sobre o Povo Goitacá, sobre as Guerras da Coroa e os genocídios perpetrados por ela de inúmeras formas, com trabucos, canhões, varíola e o etnocídio usando crucifixos. Deste bloco, resultou a produção dos cadernos artesanais aos quais destacamos alguns ao fim deste trecho. Abordando a obra de Oswaldo Almeida (2023), onde o autor conta sobre as tentativas de ocupações dos Campos dos Goytacazes, primeiro com o genocídio

praticado por trabucos contra arcos e flechas, depois com canhões contra arcos e flechas.

A partir da “insuficiência” do método utilizado para a tentativa de extermínio da população nativa, vieram as contaminações com varíola e, depois da praga, o terço como método de transformação cultural de um povo cambaleante e arrasado. Daí em diante, o método da guerra visando a mortandade imediata é interrompida, dando início ao processo de escravização, tratado pela obra como a “abertura das fronteiras”, o território foi nomeado de Freguesia de São Salvador dos Campos dos Goytacazes e sua administração foi realizada pela Igreja Católica.

Durante a aplicação do conteúdo procurei sempre buscar o diálogo com os entendimentos dos educandos, e assim, a turma foi provocada a imaginar algumas maneiras que ocorreram os processos de colonização. Dessa forma, parti de perguntas para a classe tais como: *quem vocês imaginam que sabiam navegar pelos rios dessa região? Como vocês imaginam que ocorreu esta ocupação de território pela coroa? Foi pedindo por favor? Creem que houve resistência?* Na sequência, após trocas muito boas sobre o tema, pedi para a classe produzir os cadernos artesanais.

Os cadernos artesanais, são folhas A4 dobradas duas vezes de forma a reduzirem o tamanho desta folha em $\frac{1}{4}$, mas tornadas em 8 páginas, conforme as ilustrações a seguir:



Da esquerda para a direita: Imagens 1, 2 e 3 - Cadernos artesanais produzidos no Ensino Médio (Arquivo Pessoal)

Na apresentação da minha leitura sobre a história contada ainda por Oswaldo Almeida (2023), lancei algumas ideias para a classe e tive esses e outros cadernos artesanais produzidos pela turma do 3º ano. Destaco também a importância de falar da aliança entre portugueses e tupis, processo que formou o nheengatu como a língua do Brasil-Colônia e nomeou lugares, plantas, frutos, animais e populações. Na sequência, os educandos me contaram o que aprenderam do conteúdo nesta reescrita,

desenhando caravelas e aldeias, mesmo que as caravelas não tenham navegado pelo Rio Paraíba do Sul, estas produções mostram o conhecimento pautado no senso comum presente entre eles.

Nestas produções, um educando destaca as dificuldades e opressões de hoje como consequência de “uma história de atrasos”, outro escreve sobre a entrada da Igreja Católica no território, alterando os modos de vida das populações indígenas, civilizando estas populações por meio do trabalho forçado, ocasionando violências, opressões e dificuldades, entretanto, como destacado pelo educando no caderno artesanal, a colonização não apagou o passado e nem a nossa memória.

Contra colonização

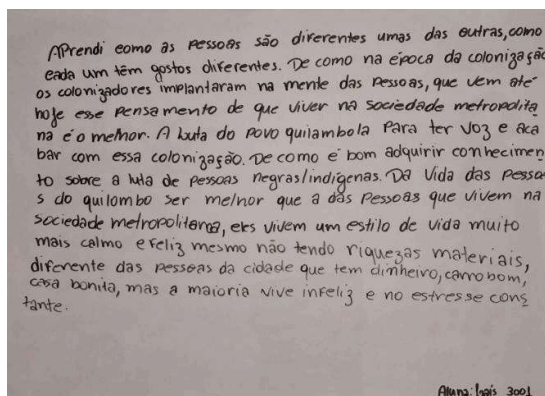
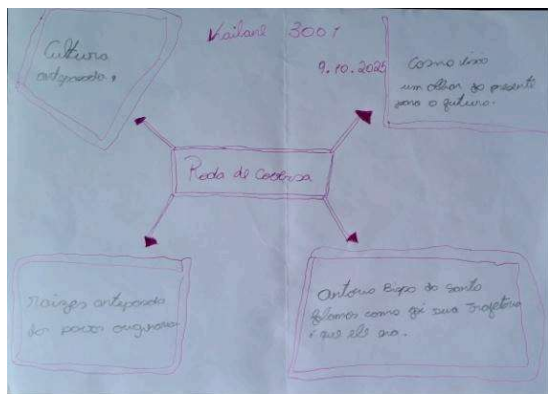
Com o apoio dos ensinamentos de Antônio Bispo dos Santos, apresentamos e pensamos a noção de “envolvimento” como contraponto à ideia de “desenvolvimento” dos lugares, cheios de promessas de progressos e evoluções para as populações, com grandes corporações e empreendimentos que transformam territórios naturais em exploráveis. A partir deste entendimento, propomos uma aula fora da sala, num dia chuvoso, usamos a área coberta da quadra poliesportiva para conversarmos em pé e em roda, sobre os envolvimento dos educandos.

Nesta escola localizada na área central da cidade, pensei anteriormente que me depararia com uma classe de jovens moradores de apartamentos e, nesta classe, me encontrei com jovens moradores de casas com quintais, com suas hortas familiares. Os educandos expressaram as vivências familiares e desta prática, notei que os saberes tradicionais estão presentes nos cotidianos, visto que alguns educandos identificam os usos e aplicações das ervas, ensinamentos vindos dos mais velhos.

Diante disso, perguntei *com o que vocês se envolvem? O que gostam de fazer para se sentirem felizes?* Destas perguntas, surgiram os artistas, atletas, desenhistas, filmmakers, vestibulandos e uma educanda com talento para a moda que pensa ser psicóloga. Desta educanda pude ver o talento para a criação de roupas, mas, ao ser questionada sobre o motivo de querer estudar psicologia, respondeu dizendo que não via o reconhecimento da profissão que sonha, em Campos dos Goytacazes, demonstrando assim, a preocupação com o seu futuro.

Deste segundo bloco, propomos a produção de mapas mentais, uma atividade onde os educandos se sentissem à vontade para explicitar seus envolvimento

Hand-drawn mind map for 'Tula' dated 09/10/25. The central node is 'Tula'. Five branches lead to: 'Comunicação' (top-left), 'Endereço Real' (top-right, with a red arrow pointing to a red location pin), 'Plantio em casa' (bottom-right), 'Legislativo' (bottom), and 'Infância Bixo do Zé' (bottom-left).



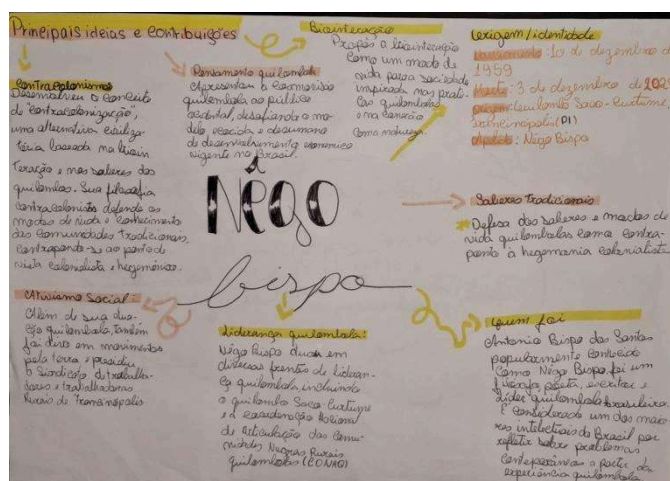


Imagem 10 - Mapa mental produzido no Ensino Médio (Arquivo Pessoal)

Diante dos mapas mentais sobre o “jogo do envolvimento” uma guitarrista tímida ficou à vontade para apresentar sua banda, outra educanda valoriza a experiência educativa fora da sala de aula e reflete sobre seus fazeres atuais e futuros. Outro educando chamado Guilherme, expõe seus interesses pessoais entre atividades físicas, a prática de esportes, jogos online, o trabalho, a dança inserida na “copa da árvore pessoal” e “Deus em primeiro lugar”, mas escrito abaixo de tudo. Já a educanda Laís focou na qualidade de vida quilombola em comparação com a vida corrida das metrópoles.

Na imagem 9 aparece o talento da educanda para a moda, sua vontade de trabalhar com a psicologia e dos seus tratos com as ervas no quintal. Por último, Nêgo Bispo parece ter sido tema de uma conversa com alguma ferramenta de inteligência artificial, conforme mostra a estrutura manuscrita na imagem 10, falando da vida e atividades políticas do autor e dos conceitos da biointeração e do “contracolonismo” – contra colonialismo – apresentando o pensamento e os modos de vida quilombolas.

Na expectativa de que os educandos produzissem algum tipo de material, orientei que escrevessem o que quisessem escrever, mas que contassem o que sentiram diante das aulas. Apareceram também desinteresses, interpretações cristianizadas e produções não condizentes com os conteúdos aplicados, mostrando assim que alguns alunos não ligaram para o fato de que esta atividade também contaria como pontuação para suas médias do trimestre.

A professora supervisora abriu caminhos e sugeriu que a proposta fosse incluída no conteúdo disciplinar, me concedendo 2 pontos da média do trimestre, me dando oportunidade de avaliá-los a partir de suas produções. A média da turma no cumprimento destas atividades, embora tenha sido boa, também contou com notas baixas. Adotando 1 ponto para cada atividade, utilizei o critério da coerência temática

para distribuir as notas: 15 alunos do 3º ano cumpriram as atividades (2 notas máximas e 2 notas mínimas) tiveram média de 1,15; 20 alunos do 1º ano cumpriram as atividades (3 notas máximas e 1 nota mínima) tiveram média de 1,04.

Diante dos desinteresses, pude perceber que também desagradei e isto poderá ser parte da prática da oralidade no futuro cotidiano escolar, ao qual pretendo ingressar assim que concluir a licenciatura, entretanto, pretendo também me apegar às positivities e a instigar jovens e adultos a refletirem sobre seus experimentos enquanto sujeitos em formação, capazes de cultivar e trilhar caminhos sonhando e realizando.

Sobre as atividades que tiveram notas baixas destaco algumas a seguir.



Da esquerda para a direita: Imagens 11, 12, 13 e 14 - Produções do Ensino Médio (Arquivo Pessoal)

(IN)CONCLUSÕES

Com Paulo Freire (1996), formamos o pensamento crítico de sermos sujeitos incompletos, capazes de avaliar nossas próprias experiências e nos experimentando enquanto sujeitos viventes de um tempo histórico, conscientes de nossos papéis de construtores de nossas próprias histórias. Carregando este pensamento, busquei praticar uma oralidade capaz de fazer refletir sobre nossas próprias vivências, buscando o entendimento da vida cotidiana como resultado de um processo sócio-histórico.

A colonização nos formou enquanto nação e enquanto brasileiros, mas também formou a contra colonização nos quilombos e aldeias espalhadas pelo território nacional, vítimas de violências estatais e mercantis até os tempos atuais. Estas comunidades ensinam que a força ancestral da espiritualidade pode trazer reflexões valiosas para quem sente a necessidade de parar a destruição do mundo.

Tendo em mente que ações são tomadas com bases nos pensamentos individuais e coletivos, pretendo enquanto praticante de uma educação contra

colonizadora, buscar a atividade intelectual dos educandos a fim de provocá-los enquanto sujeitos destruidores ou confluentes, desagregadores ou acolhedores, sonhadores ou desencantados, mas de qualquer forma, capazes de refletir, pensar e escolher seus fazeres e feitura de si.

Com o Professor Luiz Rufino (2021), busco entender a urgência da prática pedagógica visando a “desapreensão do cânone”, sendo o cânone a ideia colonizante que nos paralisa a vontade de sonhar e realizar os sonhos, primeiro nos desmontando enquanto conflituosos colonizados, para nos reinventar a partir da afetividade coletivizada, buscando o futuro ancestral⁶.

Neste sentido, estamos em constante aprendizado, sendo afetados e construídos por outros sujeitos e culturas, cabendo às experiências cotidianas esta construção de nós mesmos. Esta inconclusão cabe à imprevisibilidade do futuro e, nos colocando como aprendizes, temos a chance de nos refazer enquanto experimentamos a vida e o mundo ao nosso redor, construindo-o.

Desta forma, a experiência evidenciou a prática da oralidade e o uso de materiais didáticos no Ensino de Sociologia, alinhados às Diretrizes Curriculares Nacionais e à Lei nº11.645/2008, e da da Portaria nº537/2025 do MEC, tendo em vista integrar conteúdos relacionados à história, à luta por direitos e à contribuição afro-brasileira e indígena na sociedade brasileira contemporânea. Diante do exposto, a pesquisa em sala de aula dialogou com o olhar intercultural e inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Oswaldo Barreto. **A história pouco conhecida da freguesia de São Salvador dos Campos dos Goytacazes**. 3ª ed - Campos dos Goytacazes: Grafbel, 2023 (p. 3-5/31-57);
2. BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 29 jun. 2026.

⁶ Ver Krenak, 2022.

3. BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º 537, de 27 de maio de 2025. **Institui o Programa Escola Nacional Nego Bispo de Saberes Tradicionais.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-mec-n-537-de-24-de-julho-de-2025-644413597>. Acesso em: 29 jun.2026.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996;
5. KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2022;
6. LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e o Brejo.** 1945. (p.31-51);
7. RIBEIRO, Rafaela Machado; FREITAS, Carlos Roberto Bastos; SANTOS, Fabiano Vilaça. **Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis - 1785. (p. 145-166),** 2011. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/manoel-martins-do-couto-reis/>;
8. RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização.** 1ª ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2021. p.17-37;
9. SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações.** 2ª ed. Brasília: Ayô, 2019. p. 8-14. 19-67.